

**INAUGURAÇÃO DO CIRCUITO MUSEOLÓGICO DA
CASA-MUSEU AFONSO LOPES VIEIRA – LUGAR LITERÁRIO
18 de Junho 2011: Palavras de Cristina Nobre**

É com muito gosto que me encontro de novo neste lugar literário, hoje, rodeada pelos companheiros de trabalhos e de estudos, o querido doutor Fernando Magalhães, doutorado na área de museologia e que tem soprado para esta casa os conhecimentos técnicos actualizados que o séc. XXI exige, e a sempre sensata e pragmática Dr.^a Catarina Carvalho, capaz de transformar um esboço sonhado numa obra palpável, com possibilidade de ser lida e entendida por todos, limpa (e poder ser limpa...) e reciclável! E seria injusta se esquecesse a Lena, guardiã da casa, e que tem o sorriso mais afável para receber quem vem por bem e o semblante mais carregado para afastar os que vêm com intenções escuras...

À sr.^a vereadora, ilustre Cidália Ferreira, agradeço a confiança depositada e a paciência para esperar os quase dois anos que – circunstâncias várias e que deixaremos na sombra a que pertencem... - já passaram desde que este projecto, incluído na requalificação museológica da casa, dentro do plano de requalificação geral de S. Pedro de Moel, foi colocado em marcha e funcionou. A colaboração entre a CMM^aG e a instituição de ensino superior, neste caso o IPL (a nossa escola-mãe), resultou perfeitamente, pois ao pedido de serviços específicos, o IPL respondeu abertamente e com o interesse habitual na sua direcção, nitidamente interessada em manter, fomentar e alargar toda a colaboração e formação possível à comunidade envolvente. Em 2008, ainda com o doutor Luciano de Almeida como presidente do IPL, foi notório o seu empenho em viabilizar o projecto, facilitando a nossa tarefa, assim como deixou explícita a vontade de tornar o IPL membro colaborante-activo deste objectivo que consiste em transformar esta casa num lugar vivo, ideia que fiz minha com a locução, hoje nossa, de LUGAR LITERÁRIO. Agora, que tanto se fala (a UNESCO!) de PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL, o sonho foi perceber como a literatura – que é a minha especialidade e foi por onde comecei a ler e a entender o Poeta – e a IMATERIALIDADE com ela relacionada, tinha contribuído para transformar esta Casa em algo mais do que um abrigo, numa MATERIALIDADE quase bibliográfica, em que Lopes Vieira foi registando - nas paredes do exterior e daí o azulejo e as cantarias como primeiras categorias a ser dilucidadas – as transformações que a sua vida e a sua obra lhe foram sugerindo.

Assim, um primeiro estudo passou pela Casa como objecto catalogável: identificação dos vários estratos em que foi submetida a sucessivos *melhoramentos*, *arranjos* e *acrescentos*. A Casa não é apenas um edifício: ela é também o objecto mais rico da CMALV e constitui, em si mesma, uma colecção arquitectónica a estudar.

Como herdeiros deste património devemos contribuir para um inventário rigoroso, e de acordo com normas do Instituto Português de Museus [IPM], de todos os bens constituintes da CMALV, com instrumentos de trabalho padronizados capazes de satisfazer as exigências da partilha das informações à escala global. A criação das fichas matrizes, denominadas Matriz, destinadas ao registo e informatização para bases de dados, dos bens das instituições culturais, veio permitir aliar a investigação na área aos conhecimentos técnicos de ponta. Assim, coordeno presentemente um projecto do CIID/IPL, de continuação deste que nos reúne aqui hoje, e que tomou como objecto de análise **a Pintura, os Têxteis, o Mobiliário, os Livros e Documentos Gráficos, a Fotografia e as Artes Decorativas** e pretende proceder à sua inventariação o mais completa possível, tendo o apoio da bolsreira Teresa Azevedo, com formação específica na área da História da Arte e Museus. Resulta num trabalho conjunto e profícuo dos investigadores com os técnicos superiores da CMM^aG, aliando as valias científicas do ensino superior com as estratégias culturais e patrimoniais das câmaras municipais. Quer o doutor Nuno Mangas, quer o doutor Eugénio Lucas, respectivamente, o presidente do IPL e o coordenador do INDEA, bem como o coordenador do CIID, o doutor José Laranjo Marques, têm manifestado claramente o seu empenho na realização do projecto. A todos o meu reconhecimento. Sem todos nós, esta Casa ficaria, seguramente, menos legível.

A partir de agora vou centrar-me na apresentação do belíssimo roteiro que já têm o gosto de compulsar nas vossas mãos e nos vossos olhares. A leitura atenta dele dir-vos-á tudo o que é importante, e o simples folhear mostra-vos toda a inventariação feita dos azulejos e cantarias e percebem imediatamente que a informação que vão encontrar nos painéis *in loco* (e já demonstraram capacidade para aguentar uma boa parte do inverno, que era uma das capacidades materiais que lhes era exigido...) é repetida daí. Assim, as minhas folhitas de apoio pretendiam ser um ppt que vos fizessem visualizar as minhas palavras, se a luminosidade do sol nos permitisse vê-las... temos assim umas copiazinhas dos slides que são apenas uma introdução ao vosso olhar estético, o que verdadeiramente vale a pena!

Olhando para o **1.º slide**, percebemos que quis dar ênfase à criação do tal LUGAR LITERÁRIO, e usei as palavras do próprio poeta, pois ele acreditava que era possível fazer aqui uma “metamorfose do *ninho de artistas*” – o projecto do Poeta era transformar esta casa num local especial, onde os artistas que recebeu (e foram muitos... e gostaríamos que continuassem a ser...) se sentissem bem. Procurei, então, as CAMADAS, os vários **estratos** dessa transformação.

No **2.º slide** têm a quadra mais simples e mais cabalmente marcante desse ESTETA de SI-MESMO que foi ALV, e o poema do seu 1.º livro, em que já parecia adivinhar que a casa lhe seria dada em **1902**, aquando do seu casamento com Helena de Aboim, e que seria o local indicado para a escrita poética. O **3.º** mostra-nos que a curiosidade sobre a casa foi sempre algo que perseguiu o poeta, a tal ponto que ainda em 1942, quando saiu o 2º livro de Ensaio NDG [*Nova demanda do Graal*], explicava a relação da casa com a sua família. O **4.º** mostra a nossa explicação – para a requalificação da casa como museu, e a minha participação enquanto estudiosa, partilhando o conhecimento e divulgando-o através da *Fotobiografia*, de 2007.

No **5.º** temos a diferença nítida entre o quarto de estudante de ALV, em Coimbra e a janela da varanda desta, da sua Casa, para percebermos que foi desse lugar que grande parte do seu olhar estético se realizou – falamos da escrita de poemas mas tb das fotografias (slide **6.º**), uma das paisagens – a marítima – que mais o enlevou. No **7.º** temos a primeiríssima fotografia que documenta a metamorfose da casa tal como a conhecemos ainda hoje, e que criou o olhar marítimo através da projecção da varanda. Chamo a atenção para a construção do paredão e para a inexistência de um elemento arquitectónico hoje fundamental, a Capela de N.ª Sr.ª de Fátima.

No **8.º** vamos ver já o **estrato** com as primeiras obras e arranjos, a metamorfose que se processa em **1909**, a que ele mesmo chamou *febre de renovação* (e foram as cartas para o amigo ALC que nos permitiram concluir isso, uma vez que os materiais, mesmo quando têm siglas de assinatura, raramente possibilitam saber o ano de produção) e consiste numa série de azulejos com fins decorativos (**CMALV014-015-016**), claramente em relação com a sua obra literária de então, como o slide **9.º** procura esclarecer. No **10.º**, tb de 1909, temos o painel com o Camões com coroa de espinhos (**CMALV011**), e encontrámos num livro desta casa, uma ed. de 1900 de *Os Lusíadas*, a certeza, autografada pelo Poeta de que a inauguração do painel tinha sido

em Julho de 1909! Julgamos tb que o azulejo que festeja a representação do auto de *Mofina Mendes* (**CMALV025**) se deve situar nesta data, em função das suas preocupações com o ressurgimento do teatro de Gil Vicente, um desconhecido até aí, assim como o que representa a N.^a Sr.^a do Monte, e se encontra na divisão que foi o seu quarto de dormir, pois é conhecida e já foi estudada por mim a sua devoção àquela santa, que foi a sua madrinha de nascimento (**CMALV030**).

Os slides **11.º** e **12.º** mostram-nos já outro **estrato**, situado em **1916**, em que as preocupações com o mar como lugar da identidade portuguesa, estão nitidamente documentadas. Vejam-se, então, as esferas armilares e a Cruz de Cristo (**CMALV026- 029**). Aproximei as visitas que ALV fazia muito ao palácio de Sintra com alguns dos motivos, raríssimos, que resolveu mandar fazer, como é o caso das esferas armilares, que praticamente são desconhecidas noutros lugares a não ser nestes – Sintra e S. Pedro de Moel!

Relaciono, obviamente, com as preocupações da altura na obra literária: o livro de poesia *Ilhas de Bruma* é de 1917, e são estas mesmas preocupações marítimas identitárias que o preocupam, reflectindo-se no “Poema de abertura” de uma forma lapidar. Outros azulejos do exterior, como o da Nau Catrineta, tanto a situada face ao mar, como a do muro exterior da casa (**CMALV001-018**), bem como os *ex-libris* (**CMALV 003-005-006-017**) pertencerão a este período, ou até posterior, como é o caso daquele que foi escolhido para capa do Roteiro e que situámos aproximativamente entre 1918-1922, com a assinatura de Maria Leonor, artesã-criadora de Alcobaça.

O slide **13.º** marca novo **estrato**, o da *navo no estaleiro*, situado **entre 1925 e 1927**, segundo palavras de ALV para o seu grande amigo e colaborante operacional, Artur Lobo de Campos, ajudando com a confecção das peças e os artesãos para a operacionalização e colocação das mesmas, em que o Poeta decide, através da cantaria, registar os títulos das suas obras que mais gosto lhe dão no momento, e que ele considera serem merecedoras de um lugar canónico na literatura portuguesa pelo seu papel na identidade de um povo: o caso de *Amadis* de 1922, e de *Diana* de Jorge de Montemor de 1924 (**CMALV027**), bem como da edição nacional de *Os Lusíadas*, que havia de reuni-lo com o mestre José Maria Rodrigues, fotografado com o Poeta lá fora, imediatamente por baixo do azulejo *Camões coroado de espinhos* (**CMALV028**).

Em **1929** temos o **estrato** da inauguração da Capela, nos slides **14.º, 15.º e 16.º**, a marcar igualmente a viragem de ALV para as artes cinematográficas, com a filmagem da inauguração, a mostrar o seu amor pelos populares, bem como a sua natural/artística inclinação para o olhar estético. Os filmes (em 8mm) descobertos e generosamente partilhados pelo mestre Joaquim Correia, encontram-se actualmente à guarda do MIMO e esperemos que venha a ser possível fazer deles uma cópia digital que possa enriquecer esta casa-museu e documentar este património cultural material. Nesta camada encontramos os azulejos de N.ª Sr.ª de Fátima e dos pastorinhos, a cercadura da porta de entrada e a da porta interior, da sacristia (**CMALV023-022-46**). É provável que o azulejo com St.º António seja posterior, e se relacione com a obra de 1932, em que ALV refaz a viagem desse homem-santo português por Itália, com a sua *Jornada de Santo António* (**CMALV024**).

O slide **17.º** mostra-nos o último **estrato**, por volta de **1935**, em que a cantaria com o verso de *Os Lusíadas* foi colocado, uma antecipação da sua futura e derradeira obra de poesia *Onde a Terra se acaba e o Mar começa...* (**CMALV013**) Provavelmente o azulejo de D. Dinis (**CMALV010**), embora datado de 1931, tb poderá ter sido incrustado na casa neste período, que faz da casa um livro, isto é, um LUGAR LITERÁRIO.

O slide **19.º** pretende apenas mostrar-nos que a memória humana necessita ícones artísticos para guardar as sementes do passado e projectá-las no futuro: desde os bustos e da estátua do amigo e quase-filho mestre Joaquim Correia, ao *ex-libris* e ao autógrafa da assinatura, tão divulgado pela invulgar elegância que deixa transparecer, esta Casa e este Roteiro servirão - é essa a nossa esperança - para que o lugar literário seja finalmente vivido, pois já foi criado em 2005, e ALV continue connosco.

Cristina Nobre.